



## CONDIÇÃO FEMININA NO ESPORTE

Rogério Goulart da Silva<sup>1</sup>  
Maria Regina Ferreira da Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

*Este trabalho discute sobre a localização e identificação da mulher no esporte, entendendo-o como lugar de assimilações e conflitos que apontam arenas ambivalentes. Busca-se compreender em que condições os limites impostos ao corpo feminino podem estar relacionados às ideias inerentes ao pensamento androcêntrico. Destarte, entender em que instâncias a inserção da mulher no esporte é, ou não, determinada pelo sexo oposto. Eric Dunning (1992) afirma que o esporte é um espaço masculino importante para o funcionamento das estruturas patriarcais. Paralelamente, é possível verificar, no trabalho das mulheres de Diótima, Itália, que essas estruturas são adjacentes à história da mulher, que é marcada principalmente pela diferença dos sexos. Assim, a condição feminina no esporte instiga-nos estudos sobre os espaços e modalidades esportivas.*

**Palavras chave:** Mulher, esporte, diferença sexual.

### RESUMEN

*El presente estudio discute la ubicación e identificación de la mujer en el deporte, entendiéndolo como lugar de la asimilación y conflicto que apuntan arenas ambivalentes. Se busca comprender en que condiciones los límites impuestos al cuerpo femenino pueden relacionarse a las ideas inherentes al pensamiento androcéntrico. Así entender en que lugar la inserción de la mujer en el deporte es o no, determinada por el outro sexo. Eric Dunning (1992) afirma que el deporte es un espacio masculino importante para el funcionamiento de las estructuras patriarcales. Paralelamente, es posible verificar, las investigaciones de Diotima, Italia, que estas estructuras son subyacentes a la historia de la mujer, que es marcada principalmente por la diferencia de los sexos. Así, la condición femenina en el deporte instiganos estudios sobre los espacios y modalidades deportivas.*

**Palabras clave:** mujer, deporte, diferencia sexual

### ABSTRACT

*This work argues on the localization and identification of the woman in the sport, understanding it as place of assimilations and conflicts that point ambivalent enclosures for bullfighting. One searches to understand where conditions the limits taxes to the feminine body can be related to the inherent ideas to the androcentric thought. To understand where instances the insertion of the woman in the sport is, or*

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná. [rogério.goulart@ufpr.br](mailto:rogério.goulart@ufpr.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná. [mregina@ufpr.br](mailto:mregina@ufpr.br)



*not, determined for the opposing sex. Eric Dunning (1992) affirms that the sport is an important masculine space for the functioning of the patriarchal structures. Parallel, he is possible to verify, in the work of the women of Diotima, Italy, that these structures are adjacent to the history of the woman, who is marked mainly by the difference of the sexes. Thus, the feminine condition in the sport instigates us studies on the spaces and sports modalities.*

**Key words:** woman, sport, sexual difference

## **O LUGAR E O NÃO LUGAR DA MULHER NO ESPORTE**

Sobre a localização e identificação da mulher no esporte, buscamos compreendê-lo como lugar de assimilações e conflitos que apontam arenas ambivalentes. No entanto, há que primeiramente considerar que nem todas as mulheres se identificavam com o esporte e suas distintas especialidades ou modalidades. Como conclusão de um trabalho investigativo realizado numa pesquisa<sup>3</sup> com 90 mulheres de classe trabalhadora, educadas até finais dos anos sessenta do século passado, qual relação elas guardavam e guardam com o esporte, obtivemos ampla maioria de respostas evasivas e/ou negativas do ponto de vista da identificação feminina nesse espaço/campo de participação social humana. Na fala daquelas que se identificavam por alguma razão, denotava-se que a relação delas, não se dava pela prática ou envolvimento direto no meio esportivo como tem acontecido nos últimos anos. Algumas mulheres entrevistadas no RG do Sul, por exemplo, estabeleciam relação de simpatia pelo esporte, especificamente o futebol, por conta da linguagem local e do sentimento de pertença por este ou aquele clube, mas tinham pouca noção das regras destes esportes, tampouco conheciam qualquer histórico dos clubes, fossem eles nas modalidades da ginástica, natação – mais elitizados em Porto Alegre, ou de futebol, reconhecido como mais popular. Frisamos como linguagem local, os assuntos pertinentes a uma dada cultura ou relação de grupo, bem como os enlaces que essa cultura ou linguagem fornecia para fortalecer a sensação de pertencimento coletivo como parte da própria identidade, no caso específico dos clubes do futebol. Já no grupo abordado em Florianópolis, a vida laboral não permitia qualquer envolvimento com o esporte, a única forma de participação, para a maioria delas, se dava de forma passiva, de acordo com a afinidade ou aficção do marido por este ou aquele clube. Em Curitiba, a maioria das mulheres entrevistadas se disse identificada com alguma prática esportiva. As razões eram claras, a falta de tempo em função da dupla jornada de trabalho, ou muitos filhos para cuidar, quando estas se dedicavam integralmente às atividades do lar, enquanto a minoria, não só tinha certa afinidade, como também praticava alguma modalidade.

Utilizamos como ilustração parte desse trabalho para firmar que se, por um lado, existia um espaço de identificação feminina com o esporte, pelo menos nesta amostra feminina no sul do Brasil – sendo que se encaminhava às classes que detinham melhores condições de vida e, portanto, mais tempo para a prática esportiva-, por outro, tal não encontrava ressonância nas mulheres de classes trabalhadoras. Isso denota

<sup>3</sup> Pesquisa realizada em 2009, com noventa mulheres, cuja profissão variava entre professoras do ensino básico, costureiras, domésticas, metalúrgicas, atendentes de enfermagem, donas do lar, etc., nas cidades de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, cujo universo se estabeleceu entre trinta mulheres em cada cidade.



que os discursos encaminhavam um modo peculiar e conformador não somente do corpo feminino na modernidade - e para tal, uma ideia higienista da mulher -, mas também determinavam, em parte, a relação que as mulheres oriundas de setores sociais mais abastados tinham com específicas modalidades esportivas, nomeadamente aquelas aceitas pela ordem médica de cada época. Às trabalhadoras restavam escutar falar o que faziam as “patroas e madames”.

Considerou-se na pesquisa, a diferenciação de opções e gostos de acordo com a origem de classe econômica, fato que forneceria resultados distintos conforme o poder aquisitivo e nível cultural das mulheres envolvidas.

Nesse sentido, se o palco das afirmações eugênicas sobre o corpo e a relação da mulher com o esporte se deu num locus específico e em determinado tempo, pelo menos naquela parte do sul do Brasil, o mesmo não ocorreu de maneira uniforme em outras esferas sociais daquela região. No entanto, apesar de iniciarmos o texto frisando – por necessidade didática – a distinção de classe para discorrermos sobre a diferença enquanto discurso higienista, recobramos também a importância do entendimento das modificações ocorridas de acordo com os movimentos sociais das mulheres em busca de igualdade, reconhecimento e de espaço na sociedade do séc. XX.

Com os indicativos históricos dos movimentos sociais das mulheres é possível compreender em que instâncias os mesmos foram sendo incorporados naquilo que chamamos de idéia androcêntrica de mundo; de modo que hoje a relação simbólica que existe como fundo das atividades esportivas passa tão despercebida que qualquer discurso que tente provar a existência de um pensamento patriarcal por trás de qualquer atividade esportiva, seja ela tida como feminina ou não, acaba provocando indiferença ou descrédito do discurso dominante a respeito daquilo que se entende por mulher ou homem, coisa de macho ou de fêmea. E mesmo com toda a diversidade cultural existente, estamos cada vez mais envolvidos no travestismo discursivo, relatado por Skliar (2002), no âmbito das inclusões que não passam de falaciosas tentativas de nomeação da diferença no sentido de homegeneizar quase tudo para apagar aquilo que destoa de fato como sendo a diferença.

Comumente, os discursos mais contundentes no campo da higiene, da disciplina e ideal cívico estavam voltados para o corpo masculino e feminino, não podemos descartar a área da Educação Física como área de conhecimento específico e utilitário para a reafirmação da idéia que culminou em práticas e comportamentos sociais, inclusive com base científica.

De acordo com Freitas (2004), o pensamento médico-higienista difundido e reproduzido pela educação física, durante muito tempo, parece ainda influenciar na atuação de alguns profissionais que ainda acreditam em práticas apropriadas para meninos e meninas, homens e mulheres. A mesma autora se vale de Soares (1990, p.240), para afirmar que “a educação física, enquanto objeto do saber e do fazer médico, atuou na ‘preparação’ do corpo feminino para o desempenho de sua nobre tarefa: a reprodução dos filhos da pátria, reforçando, assim, o ideário burguês sobre os espaços e papéis sociais permitidos à mulher ocupar e desempenhar”. Fundamentada nesta linha de raciocínio, analisou o discurso de alguns profissionais, docentes homens e mulheres, e observou que “a educação física parece ainda atuar no



sentido de legitimar valores e hábitos de acordo com o sexo e o gênero tido como adequado”. (Freitas, 2003).

Numa dada época, de acordo com Soares (1994), a educação física era subjugada como área utilitária e, ao mesmo tempo, usada como objeto de conhecimento e ação médica. Era momento de demarcar as diferenças de papéis e funções sociais, reforçando assim, nos discursos de profissionais de diversas áreas, principalmente nas de educação e de saúde, a legitimação de hábitos e valores conforme o sexo e/ou gênero.

Além dessa determinação, Donald Sabo (2002) afirma que culturalmente se comprova no esporte a masculinidade, e tal fenômeno é visto como uma “escola” na qual se aprende a valorizar o “ser homem” e a desvalorizar o “ser mulher”, um espaço cultural onde, muito frequentemente, os meninos e os homens aprendem a se enaltecer, desvalorizando os homens fisicamente mais fracos e as mulheres, portanto, se enquadrariam nesse estereótipo de fragilidade. Cabe lembrar que a evidência sobre a exaltação masculina pode ser vista no modo como é relação da mídia no tocante aos esportes ditos masculinos e femininos, pois exhibe predominantemente os jogos ditos masculinos.

O esporte além de desvalorizar a mulher e os homens com status menor<sup>4</sup> também incentiva a homofobia que gera preocupação no sentido da comprovação masculina, Donald Sabo (2002, p.37) “o ideal masculino provém nem tanto do desejo de ser viril, mas do medo de ser visto como pouco viril ou como feminino”.

Muito já se escreveu sobre os problemas oriundos da demarcação do feminino e masculino no esporte, de modo que não são poucos/as os/as autores/as que defendem a idéia de que a mulher atingiu a sua independência no esporte e, conseqüentemente na vida.

Se em certa época, o discurso se tornou hegemônico, e hoje se tem a compreensão de como se configuraram tais discursos, é de esperar que a sociedade acadêmica, ocupada na transformação dos discursos e práticas que conformaram e limitaram os movimentos e idéias em torno da participação da mulher no esporte, tenha resolvido se não, todo, pelo menos parte da ferida do tema de gênero desta área de conhecimento.

#### Referências:

DEVIDE, F. P. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Unijuí, 2005.

<sup>4</sup> Segundo Donald Sabo (2002) são chamados de patriarcas, grupos de homens da elite que subjugam e exploram grupos de homens com status menor.



Dunning, Eric 1992. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In Elias, N. e Dunning, E. (Orgs.). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.

Faria Jr, A.G. (1995). Futebol, questões de gênero e coeducação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. *Revista de Campo: Futebol e Cultura Brasileira*, 2, 17-39.

Franzini, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, nº 50, p.315-328, 2005.

FREITAS, Lúcia Luís de. Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t236.pdf> 2004.

Goellner, Silvana. *Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia*. III Fórum de debates sobre mulher & esporte: mitos & verdades. Fórum internacional - 16 a 18 de setembro de 2004.

Goellner, Silvana G. Mulheres e futebol: entre sombras e visibilidades. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

Gomes, Paula; Silva, Paula; Queirós, Paula. *Equidade na educação: Educação Física e desporto na escola*. Queijas, Portugal: Associação Portuguesa A Mulher e o Desporto, 2000.

Moreno, Montserrat. *Cómo se enseña a ser niña: el sexismo en la escuela*. Barcelona: Icaria & Editorial, 2000.

Perrot, Michelle. *Corpos Subjulgados*. In: Michelle Perrot. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 447-454.

Pfister, Gertrud. Female leaders in sports organizations - worldwide trends. *Bulletin International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women*, v. 12, p. 22-33, 2003/04.

Pfister, Gertrud. A história delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista? In: Elaine Romero (org.) *Mulheres em Movimento*. Vitória: EDUFES, 1997, p.91-111.

Rivera Garretas, María M. *Nombrar el mundo en femenino. Pensamiento de las mujeres y teoría feminista*. Barcelona: Icaria, 1994.

Salles, J. G. C.; Silva, M.C.P. & Costa, M.M. (1996). A mulher e o futebol: significados históricos. In: Sebastião Votre (Coord.) *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF.

SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: Miriam Adelman, Celsi Brönstrup Silvestrin. *Coletânea gênero plural*. Curitiba: Editora UFPR, 2002.



Soares, Carmen Lucia. *Educação Física. Raízes européias e Brasil*. Campinas. SP: Editora Autores Associados. 1994.

SAU, Victoria. *Ser mujer: el fin de una imagen tradicional*. Barcelona: Icaria, 1989.

Skliar, Carlos. *Y si el otro no estuviera ahí? Notas para una pedagogía (improbable) de la diferencia*. Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila. 2002